

Entrevista com Helano Jader Cavalcanti Ribeiro

Emily Arcego¹ e Bruna Silva Fragoso²
Universidade Federal de Santa Catarina



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

No dia 29 de Março de 2019, convidado pelo Programa de Pós Graduação em Tradução, recebemos na Universidade Federal de Santa Catarina o Professor Doutor Helano Jader Cavalcante Ribeiro para ministrar uma palestra intitulada: Traduzir teoria: manutenção ou abandono de traduções anteriores?.

Helano Jader Cavalcante Ribeiro é professor na Universidade Federal de Pelotas (UFPel) de Língua Alemã e apesar de se considerar um iniciante na área da Tradução, a sua contribuição com as obras de Walter Benjamin e Georges Didi-Huberman abre um campo importante de estudos para o pensamento crítico e um olhar para as questões teóricas e culturais presentes na Literatura. Além de traduzir esses autores, Helano, também já trabalhou com os textos de Carl Einstein e Thomas Bernhard.

Sabemos que a atividade do tradutor é um papel que apresenta grandes desafios linguísticos e de metodologias que possibilitem a compreensão do leitor. Para isso, é recomendável que o tradutor busque no desenvolvimento do seu trabalho uma melhor

¹Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução (PGET/CAPES - UFSC). E-mail: arcegoemily@gmail.com.

²Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Literatura (PGLit/CAPES - UFSC). E-mail: bruna.s.fragoso@gmail.com.

aproximação com o contexto em que está traduzindo e as culturas envolvidas neste processo.

Como Helano trabalha com os idiomas Francês e Alemão, após a sua apresentação na palestra, ele nos concedeu essa entrevista para explicar como foi a sua experiência durante o processo tradutório e os desafios, tanto os linguísticos quanto a estilística envolvida. Além disso, ele contou um pouco sobre a sua experiência na Alemanha. A transcrição foi realizada pelas autoras, mantendo as marcas orais do entrevistado.

Há quanto tempo você trabalha com Ensino de Teoria e Crítica? Qual foi o maior desafio no trabalho institucional? E, qual foi a experiência mais gratificante?

Eu estou na Universidade Federal de Pelotas há cinco anos. Então, esse é o tempo que estou trabalhando com teoria e crítica, mas para ser mais exato eu sou professor de língua na graduação. Quando eu comecei a trabalhar na Pós-graduação, logo pude introduzir todo arsenal teórico para os alunos, há uns três anos mais ou menos. Para mim é importante porque eu vejo que dentro do espaço que eu trabalho existe um grupo semicoeso e eu acho que causa um pouco de ruído, com novos autores, com outros autores que eu não acho ruim. Mas eu busco contribuir com outro tipo de leitura da Literatura, como: Benjamin, Derrida, Psicanálise e quando os alunos me procuram, eles estão interessados em um determinado tipo de literatura crítica que é o que eu tenho para oferecer para eles.

Como foi trabalhar com a Literatura Brasileira na Alemanha? Conte-nos sobre a sua experiência e o que você pontuaria deste processo?

Foi ótimo, porque a partir do olhar do estrangeiro a gente começa a refletir sobre muitas questões que não nos ocorria. Eu falo isso porque tem questões culturais, sobretudo o texto literário que para mim são óbvias, mas para eles não eram. Muitas vezes, você acaba se perguntando: “E como vocês não conhecem isso?” Eu não estava falando de *Macunaíma* que tem um determinado vocabulário que nem eu entendo, que a gente não conhece porque é muito pesquisado. Foi então descobrir a diferença, a partir do olhar do outro e também trabalhoso. Claro que o trabalho mais difícil era traduzir, ou seja, de pegar um texto daquele e tentar fazer com que haja uma discussão depois. Em se tratando de Literatura Brasileira, dependendo do nível da turma eu tinha que selecionar muito bem alguns textos. Eu não me sentiria a vontade de passar *O Grande Sertão:*

Veredas em português para eles. Embora tenha uma tradução belíssima e seja considerado um clássico. Mas eu escolhia sobretudo contos, sem tentar também empobrecer demais ou querer nivelar por baixo, era um balanço que eu fazia. Os alunos tinham um nível de português muito bom e excelente.

Quais os textos foram trabalhados com os alunos na Alemanha?

Depende. Eu cheguei a dar uma disciplina que era só somente sobre a semana do dia 22 do Modernismo, e etc. Então eu pensei: “eu vou ficar mais na poesia, na poesia do dia a dia, menos metrificada, menos trabalhoso”. Já na prosa como era mais pretensiosa a semana do dia 22, os textos eram: Macunaíma, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, assim, eu tentei mostrar alguns pontos e consegui fazer um arsenal bem interessante. Sobre Literatura Contemporânea eles adoravam, era algo muito próximo da gente e os alunos tinham uma proximidade que era minha também, ou seja, eu explicava coisas ali e eles pensavam: “Nossa! É isso que está acontecendo no Brasil agora”. Então as aulas tinham uma outra dinâmica, é isso que estão lendo, o que está sendo produzido em termos de literatura e tudo tinha suas especificidades.

Como surgiu em você a vontade de traduzir? Você se inspirou em algum escritor/tradutor?

Nunca me passou pela cabeça traduzir literatura, porque eu não me considero esse tipo de criativo. Então, não me apetece. Eu sou muito da teoria, a minha formação na Universidade Federal de Santa Catarina é em Teoria da Literatura, portanto, acabei me deparando com muita leitura teórica, tive tão pouco afastamento da literatura e cheguei um pouco na teoria. Primeiro trabalho que eu traduzi foi o texto do Walter Benjamin, o ensaio: História da Literatura e Ciência da Literatura, publicado pela editora 7 Letras. Esse trabalho surgiu por causa de uma necessidade, porque eu queria aquele texto no Brasil e não tinha. Como é um ensaio curto, pensei em lançá-lo no formato bilíngue porque um pouco antes foi liberado os direitos autorais do Walter Benjamin, eu vi isso como uma oportunidade. O texto do Georges Didi-Huberman foi a mesma questão, de necessidade e oportunidade.

Agora, mudou um pouco de figura e eu vi que dá muita visibilidade o trabalho da gente como tradutor. Eu recebo e-mails, mensagens de várias pessoas de universidade federais que leram o livro e escrevem interessados em conhecer alguma questão teórica.

Atualmente, estou trabalhando mais com a teoria da imagem, agora tenho um projeto com um teórico suíço e estou traduzindo os textos dele para o alemão e o francês.

O Alemão e o Francês são as únicas línguas que você trabalha?

Com segurança, sim! O espanhol eu até traduziria, mas penso que tem gente muito melhor do que eu. Não que não exista em francês ou em alemão, o meu francês de leitura eu considero muito bom. Eu fiz cursos, me aperfeiçoei, morei na Alemanha por dez anos então traduzir nunca foi um empecilho e me sinto um pouco confortável. Eu também tenho bastante conhecimentos sobre a teoria e isso ajuda a poder complementar os textos, posso dizer que opero com segurança essa parte.

Como foi a questão editorial das traduções? Você teve dificuldades para publicar?

Francamente, se tem uma coisa difícil, hoje em dia, é o mercado editorial. Eu sei que existe todo um processo e no momento eu ainda sou muito iniciante, apesar de traduzir textos que foram muito bem recebidos. Só para ter uma ideia, esse texto do Walter Benjamin, da editora 7Letras, foi o mais vendido. Isso nos faz ter uma noção da popularidade do Walter Benjamin, porque a poesia não vende tanto quanto ele para a editora 7Letras. No começo, quando fizemos a proposta, o primeiro passo foi do meu amigo que escreveu o ensaio comigo e ele já conhecia o editor das 7Letras. Então, o editor muito cético que não tinha vendido nada, resolveu apostar e foi uma negociação de um ano e meio, quase dois.

Com o Georges Didi-Huberman eu estava com o texto pronto e estava ansioso. Logo, tentei com o carro-chefe de editora 34. Essa editora a princípio disse que sim e depois disse que não, porque ele é um ensaio dentro de um livro, um ensaio longo. Esse contato foi em 2017, então eles comentaram que este trabalho poderia ser realizado no final de 2019. Porém, sem certeza. Apesar da editora 34 ter uma boa visibilidade, eu não queria esperar tanto porque eu queria manter este texto como inédito antes que alguém publicasse. Então eu entrei em contato com outro editor e comentei sobre o texto que eu tinha pronto do Georges Didi-Huberman. Como ele era alguém com experiência em teoria, que trabalha com arte, apesar de ser uma editora pequena, na hora ele entendeu e tendo o conhecimento sobre o autor pensou: “É claro que eu quero este texto na minha editora”. E o processo aconteceu em dois meses, foi bem mais rápido e teve muita

visibilidade e circulação. Esses textos costumam acabar muito rápido, tanto do Walter Benjamin quanto do Georges Didi-Huberman.

Como que foi traduzir Walter Benjamin e qual foi a estilística da tradução?

Difícil. Eu comecei com essa primeira tradução e ela foi um tanto quanto inocente, porque deu muito trabalho e quando eu terminei acabei não fazendo cotejamento. Eu passei este texto para um revisor que é um tradutor experiente, inclusive ele publicará uma tradução do Freud pela Editora Autêntica. Esse texto em especial, ele não tem muitos adornos linguísticos, o que não seria tão grave, mas é um texto difícil por causa do seu estilo de escrita. O Alemão é uma língua complicada de traduzir para o português brasileiro, sobretudo o Alemão acadêmico. Esse texto é mais acadêmico do que bonito. Com o Georges Didi-Huberman já foi ao contrário, é um texto acadêmico, com muitas referências como o Deleuze, mas é um texto bonito. E essa foi a minha primeira experiência com a literatura, eu tive que transformar algo factual, científico em algo que é minimamente belo que é o estilo de escrita do Georges Didi-Huberman. Que é um autor que se preocupa com a beleza da escrita.

Então, o estilo foi o maior desafio dessas traduções ou teve outros?

No caso do Walter Benjamin, o desafio foi a língua alemã. Escolher um vocabulário, distribuir as ideias. Para o livro do Georges Didi-Huberman, a dificuldade foi a questão do estilo e recriar suas peculiaridades.

Como você vê a teoria e a crítica da tradução? Você acha que isso pode ajudar os tradutores em seu trabalho prático? Você segue alguma teoria?

Não sigo nenhuma teoria. Depois de ter lido a tese do Marcus Tulios, não que eu vá virar um funcionalista agora, não vou tirar minha linha de trabalho. Mas eu gostei de ler, eu gosto de ler sobre teoria também. Segundo relato dele, como tradutor, ele conseguiu ferramentas interessantes a partir desta teoria para poder desfrutar do texto. E eu acho que eu posso estudar e ler mais para melhorar o meu trabalho como tradutor. Acho sempre interessante ter ferramentas. Estou buscando todas elas.

Você costuma pedir para alguém revisar as suas traduções?

Sim. Geralmente eu mando para um revisor do Alemão que conhece a língua e depois para um revisor de português. Eu deixo eles a vontade e confio nos revisores para mexerem no texto.

O que é ser tradutor para você?

É uma atividade difícil, porém o resultado é gratificante. Eu fico muito feliz com o produto finalizado e de disponibilizar isso para os leitores.